



“O Senado, pioneiro de tantas formas, me permitiu vivenciar de perto a transição do computador de grande porte para o microcomputador”



HAJA CORAÇÃO!

CANTÍDIO LIMA VIEIRA

Haja coração! De Bill Gates a Indiana Jones: as aventuras de um cardiologista no Senado

“O Senado é melhor do que o céu, porque nem é preciso morrer para estar nele.” Esta frase, atribuída ao senador Darcy Ribeiro, poderia resumir a minha passagem no Senado Federal, pois trabalhar ali é uma oportunidade única de testemunhar e ajudar a escrever capítulos que marcam a história do Brasil.

Sou sergipano, médico cardiologista formado pela Universidade Federal de Sergipe em 1976. Vim para Brasília e entrei no Senado em 78, desempenhando inicialmente a função de técnico de

informática no Prodasen. Posteriormente, passei a integrar o quadro de médicos da Casa e foi aí que a verdadeira aventura começou. Por diversas vezes fui convocado ou escalado para plantões em sessões que me marcaram profundamente. Com o perdão de quem me lê em relação à cronologia dos fatos, compartilharei alguns deles, em que minha própria história de vida se mistura à do Senado e à do nosso país.

Acho quase impossível transmitir a sensação que eu tive ao sair de Sergipe, aos vinte e poucos anos, recém-formado, para o Serviço Médico do Senado Federal. Seria como um fogueteiro das festas do Nordeste que conseguiu o inimaginável de trabalhar na Nasa.

Para início de conversa, a cardiologia do Senado era denominada Laboratório de Diagnósticos do Senado Federal (SLDS), não simplesmente cardiologia. Era chefiada pelo cardiologista Dr. Luciano Vieira, dispendo à época do melhor e mais atualizado equipamento de cardiologia clínica ambulatorial disponível no mundo. Enquanto os melhores serviços de cardiologia realizavam teste ergométrico ou prova de master, em que o paciente, cheio de fios, ficava subindo e descendo três degraus, com um padrão técnico péssimo nos traçados, tínhamos equipamento com captação do sinal por rádio, aparelho de Raio-X do tórax para realizar fluoscopia, eletrocardiograma de repouso, fonocardiograma e holter, com a possibilidade de monitorar o paciente por ondas de rádio captadas por uma pequena maleta a uma distância razoável do paciente. O Primeiro Mundo era ali.

Nosso serviço era referência e respeitado em todo o Brasil. Recebemos visitas de ilustres personalidades internacionais, como o Prêmio Nobel Albert Sabin, que descobriu a vacina contra poliomielite; Dr. Konrad Bloch, Prêmio Nobel de medicina por pesquisas do colesterol; Dr. Christiaan Barnard, que realizou o primeiro transplante de coração do mundo; Dr. Euryclides de Jesus Zerbini, que

realizou o primeiro transplante de coração no Brasil e professor Campos Freire, que realizou o primeiro transplante de rins no país, momentos que ficaram eternizados em nossos antigos murais.

O Senado, pioneiro de tantas formas, me permitiu vivenciar de perto a transição do computador de grande porte para o microcomputador, o que à época motivou grande alvoroço nos analistas e programadores do Prodasen. A novidade foi meio desacreditada no início por alguns profissionais da área, que achavam ser coisa de menino e não iria pegar ou ir em frente. Porém, técnicos e analistas somaram competências para incorporar os novos equipamentos, surgindo o programa de atendimento aos gabinetes dos parlamentares e à administração do Senado Federal, aproximando os usuários ao Prodasen e transformando profundamente a maneira de atuação do órgão.

Com o surgimento do microcomputador, ocorreu comigo o que chamo de momento quase Bill Gates, quando eu, em conjunto com o nosso gênio, o colega do Prodasen Ivar Alves Ferreira, pude ter acesso a trabalhos internacionais em processamento digital de sinais em medicina. O projeto era digitalizar o sinal analógico do eletrocardiograma para emissão de laudo. Deveríamos conectar o aparelho de eletrocardiograma da emergência do Senado ao computador central do Prodasen, dando suporte ao plantão do então Serviço Médico da Casa. O processamento destes sinais estava se iniciando nos Estados Unidos e tentamos repetir o experimento. Tivemos sucesso na digitalização do sinal do ECG no teste que fizemos no dia do meu plantão, num sábado à tarde. Tentamos apoio do CNPq e não conseguimos. Por fim, abandonamos o projeto por determinação da administração do Senado e do Prodasen. Hoje todos os aparelhos modernos de ECG vêm com emissão automática de laudo por digitalização de sinal.

A Constituinte também foi um momento que, certamente, jamais esquecerei. Servidores, especialmente os do Prodasen e CEGRAF, se revezavam em intermináveis tarefas dia e noite. Naquela época contávamos com recursos precários na transcrição de textos, correção e impressão. Vários colegas apresentaram comprometimentos de saúde por inversão e alteração do ritmo do sono, alimentação e reiteradas cobranças pela execução das tarefas no tempo previsto. Hoje é visto até de maneira romântica, mas a verdade é que colegas anônimos do Senado contribuíram com sua saúde na realização desta tarefa hercúlea.

Se nos computadores tive meu momento Bill Gates, nas perícias vivi aventuras dignas de Indiana Jones. Na CPI do futebol, por exemplo, fui escalado para realizar perícia médica no Rio de Janeiro. Um dos depoentes apresentou atestado médico para justificar o não comparecimento. O presidente da CPI determinou que eu fosse, como Presidente da Junta Médica do Senado Federal, compondo uma equipe chefiada pelo médico Dr. Antônio Carlos Amorim da Costa, o advogado Sr. Luiz Augusto dos Santos e o delegado da Polícia Federal Dr. Luiz Carlos de Oliveira Zubcov, examinar o depoente. O que era para ser discreto virou manchete televisiva e de repente lá estava eu e a equipe no olho de uma operação da Polícia Federal. Ao chegarmos ao Rio, fomos em comboio com várias viaturas da Polícia Federal ao hospital onde estaria internado o depoente e para nossa surpresa, ele não estava mais lá. Realizamos a perícia nos documentos médicos do prontuário e entrevistamos a equipe envolvida no caso. Fomos recebidos com intensa hostilidade e ameaçados de maneira velada pelos dirigentes do hospital, gerando grande tensão em toda a equipe apesar do grande esquema de proteção policial.

Fui convocado novamente pela CPI do futebol para realizar a perícia, mas desta vez no domicílio do mesmo depoente. A equipe agora era composta pelo presidente da CPI, senador Geraldo Althoff,

pelo mesmo delegado da Polícia Federal e por mim. Ocorreu, porém, que antes da perícia no depoente, deveria ser ouvido o contador. Ao nos dirigirmos para o escritório dele na Avenida Brasil, por engano adentramos na Comunidade da Maré e, ao percebermos o engano, foi realizada uma manobra rápida para deixar o local, com real possibilidade de risco de vida. Passado o susto, fomos realizar a perícia no domicílio do outro depoente, com total cobertura policial e sem maiores transtornos. Realmente no incidente da Avenida Brasil temi pela minha vida e segurança.

A seriedade das perícias realizadas pela Junta Médica do Senado certamente contribuiu para que diversas pessoas não deixassem de prestar depoimento às CPIs. Ainda na do futebol, por exemplo, o presidente da CBF alegou motivos de saúde para não atender à convocação. O depoente deveria comparecer ao Serviço Médico do Senado Federal, local onde seria realizada a perícia antes do depoimento na CPI. A situação ficou bastante tensa. Porém, ele acabou comparecendo à audiência e prestou seu depoimento normalmente.

Na CPI dos Correios a perícia seria no Sr. Marcos Valério, pois ele entrou no STF com pedido de *habeas corpus* preventivo e alegava também não comparecer à CPI por motivo de saúde. A equipe era composta pelo Dr. Paulo Roberto Rodrigues Ramalho, pelo Dr. Getro Artiaga Lima e Silva e por mim. Foi montado esquema especial de segurança incluindo, caso necessário, a remoção do depoente para o antigo INCORDF no HFA. A perícia não chegou a ser realizada, pois o depoente, ao questionar a presença da junta médica, decidiu depor. Esse evento transcorreu num clima de bastante apreensão por assédio da mídia sobre a CPI.

Já na CPI das ONGs, quando fui escalado para realizar perícia no diretor da editora da UnB, fomos surpreendidos pela mudança

repentina de endereço do depoente e, uma vez identificada a nova residência, fomos recebidos por vários cães que ameaçavam nossa entrada. Superados estes obstáculos, após diálogo com os residentes, conseguimos realizar a perícia sem maiores intercorrências.

Outro fato que foi muito marcante para mim e para todos os profissionais de saúde da Casa foi a desativação do Serviço Médico do Senado Federal. Um serviço com uma folha de atendimentos no tratamento e na prevenção de doenças aos parlamentares, servidores e familiares, à imprensa e às pessoas que transitavam no Senado. Não cabe e nem devo discutir os motivos da decisão, porém o desmonte de um serviço com reconhecimento nacional e internacional levou a população assistida a uma sensação de desamparo. Esse fato foi determinante para a minha aposentadoria, por ter a sensação de perda de um ente querido ou parte de minha família, assistindo ao desaparecimento do local de trabalho onde consegui ajudar e tratar desde as pessoas mais simples até luminares da política.

Sou muito grato a Deus pela imensa honra de ter atendido a cada um de meus pacientes e pela confiança deles em mim depositada; pela oportunidade de ter auxiliado o Senado no cumprimento de sua missão constitucional, tão nobre e fundamental para a Nação; pela compreensão e paciência de meus colegas e de todos os meus chefes; e pela linda família de amigos que com que o Senado me apresentou ao longo de todos esses anos de trabalho intenso e tantas aventuras inesquecíveis.